

SUMÁRIO EXECUTIVO

IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL NO DF: UM OLHAR INCLUVISIVO

Brasília, 2022

Introdução

A pesquisa Identidade de Gênero e Orientação Sexual no DF – um olhar inclusiv[1] faz parte da agenda de pesquisa sobre a população LGBTQIA+ iniciada pela Codeplan em 2020. Ela se dedicou a captar a experiência vivida pelo núcleo LGBTQIA+ quanto à interação com a família e comunidade, participação social e conhecimento dos órgãos de atendimento a essa população, e ainda a percepção e experiência de violência e discriminação. O instrumento de coleta consistiu em um questionário on line elaborado pela Dipos/IPEDF Codeplan, em parceria com organizações da sociedade civil que militam pelos direitos de pessoas LGBTQIA+, o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e especialistas no tema.

Com o objetivo de alcançar o grupo LGBTQIA+, a divulgação contou: i) com envio de cartas convite às pessoas que responderam pertencer a população LGBTQIA+ na PDAD 2021; ii) divulgação virtual pelas redes do IPEDF Codeplan e parceiros, com o auxílio de um vídeo sobre a pesquisa e; iii) uma divulgação impressa[2] por meio de cartazes distribuídos em locais públicos de grande circulação.

Metodologia

Os questionários foram respondidos on line pela plataforma Lime Survey, de forma auto aplicada, ou seja, pelas próprias pessoas respondentes;

O instrumento contou com nove blocos de perguntas, dois deles exclusivos para pessoas trans: “sobrenome social” e “processos transexualizadores”. Também foram coletadas e incorporadas respostas de pessoas cisgênero heterossexuais sobre o conhecimento dos órgãos de atendimento à população LGBTQIA+ e percepções sobre violências sofridas por ela.

[1] A nota metodológica Identidade de Gênero e Orientação Sexual no DF – um olhar inclusivo que apresenta o caminho percorrido pela equipe da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais na formulação das perguntas sobre gênero e orientação sexual que passaram a incorporar o questionário da Pesquisa

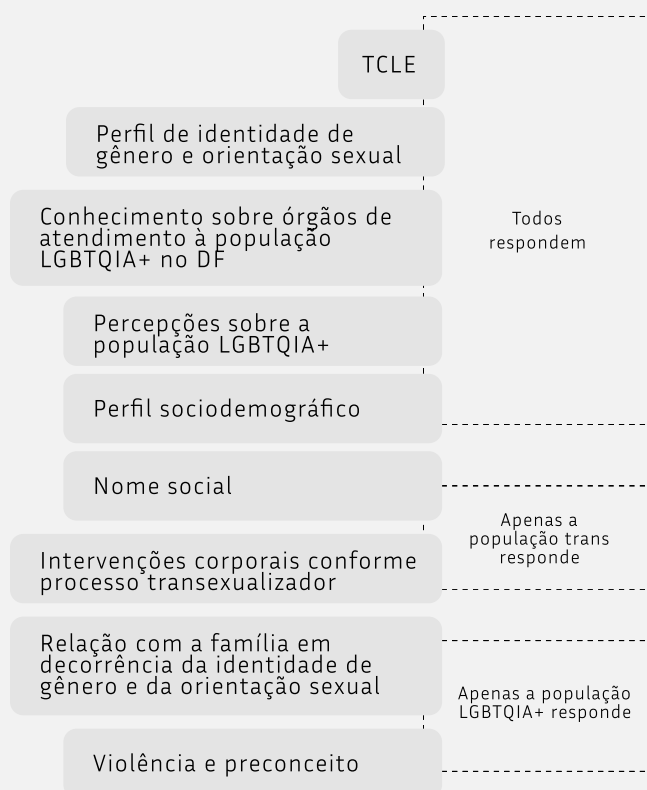
Distrital por Amostra de Domicílios, em 2021, e na formulação do instrumento desta pesquisa, pode ser encontrada em: <https://www.ipe.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/NT-Genero-e-Orientacao-Sexual-no-DF-um-olhar-inclusivo.pdf>

[2] Para a impressão dos cartazes, o IPEDFCodeplan contou com a parceria da Comissão de Direitos Humanos da CLDF, pela qual agradece.

Para mais detalhes sobre o estudo, acesse o relatório no site do IPEDF:

<https://www.ipe.df.gov.br/>

Sessões do questionário



Limitações do estudo

- Perguntas feitas somente para a população com mais de 18 anos.
- Divulgação: As respostas foram obtidas a partir daquelas pessoas que ficaram sabendo e se dispuseram a responder ao questionário, gerando, assim, um viés de seleção dos respondentes.
 - O viés de seleção acontece quando há uma concentração de respondentes com uma determinada característica, fazendo com que as respostas não representem toda a população do Distrito Federal.
 - Por exemplo, cerca de ¼ da população LGBTQIA+ que respondeu a pesquisa residia no Plano Piloto. Em RAs de menor renda, a participação foi baixa: Sol Nascente/Pôr do Sol -016%, SCIA-0,24%, Fercal -016% Itapoã -1% e Varjão - 1%;
 - Outro exemplo desse viés é que 50% da população trans e cerca de 90% da população LGB+ que responderam ao questionário tinham no mínimo ensino superior.

- **1.843 pessoas responderam ao questionário**[3].
- As análises foram comparativas entre a população LGB+[4] e a população transgênero. Para os blocos em que todos respondiam, ainda foram feitas análises com as observações da população cis/hétero[5].

Definições utilizadas neste estudo

Variável: *Identidade de gênero*

Definição: Distingue a dimensão biológica do sexo reportado ao nascer da dimensão social de identidade. Está relacionado a percepção de cada um sobre o seu gênero diante da sociedade.

Categorias apresentadas no questionário:

Agênero	Mulher Trans
Gênero queer	Travesti
Gênero Fluido	Feminino
Não-binário	Masculino
Transmasculinidades	Outro
Homem Trans	Não sei
Transfeminilidades	Prefiro não responder

Variável: *orientação sexual*

Definição: capacidade de cada pessoa ter atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero, de mais de um gênero ou não ter essa atração.

Categorias apresentadas no questionário:

Lésbica	Homossexual
Bissexual	Heterossexual
Gay	Outro
Pansexual	Não sei
Assexual	Prefiro não responder

[3] As respostas a essa pesquisa não são representativas da população do DF, elas representam apenas os participantes desta consulta.

[4] LGB+ nesse estudo está definido como a população cisgênero não-hétero sexual.

[5] Cis é uma abreviação de cisgênero, nomenclatura usada para se referir às pessoas cujo gênero se assemelha ao sexo biológico registrado na certidão de nascimento. Hétero é a abreviação de Heterossexual, termo usado para se referir às pessoas que sentem atração sexual/afetiva por uma pessoa de um gênero oposto ao seu.

Resultados

1. Perfil da orientação sexual e identidade de gênero

Identidade de gênero:

7%
dos respondentes se
identificam como
transgênero

- Das quais **5% se identificam como LGB+** e **2% como heterossexuais**.
- As identidades que compõem o grupo de pessoas trans incluem **identidades de gênero masculinas (44,3%)** e **femininas (32,8%)**, bem como pessoas com **identidades não-binárias (18%)** e outras identidades de gênero diverso.

Orientação sexual:

entre os **93%**
de pessoas **cisgênero**,
89% se identificaram
como LGB+

Entre as orientações sexuais
declaradas, destacam-se:

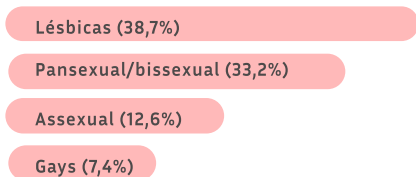


Tabela 1: Número absoluto e percentual relativo de pessoas por identidade sexual e de gênero, DF - 2022

	%
Cisgênero	93%
Transgênero	7%
Total	100%
	%
Cis-hétero	4%
Cis-LGB+	89%
Trans-hétero	2%
Trans-LGB+	5%
Total	100%

Fonte: IPEDF Codeplan/Dipos (2022)

2. Perfil dos respondentes



- **1/4 dos respondentes moravam no Plano Piloto.** Outras regiões que se destacaram foram: Águas Claras, Ceilândia, Guará, Jardim Botânico, Samambaia, Sobradinho e Taguatinga;

57% das pessoas trans e **90%** das pessoas LGB+ tinham ensino superior completo ou pós-graduação

35% das pessoas trans e **40%** das pessoas LGB+ são negras



- **41% das pessoas LGB+ tem renda superior acima de 5 salários mínimo.** Entre as pessoas trans, a maior parte delas recebe entre 1 e 4 salários mínimos.

3. Nome social e intervenções corporais

Nome social:

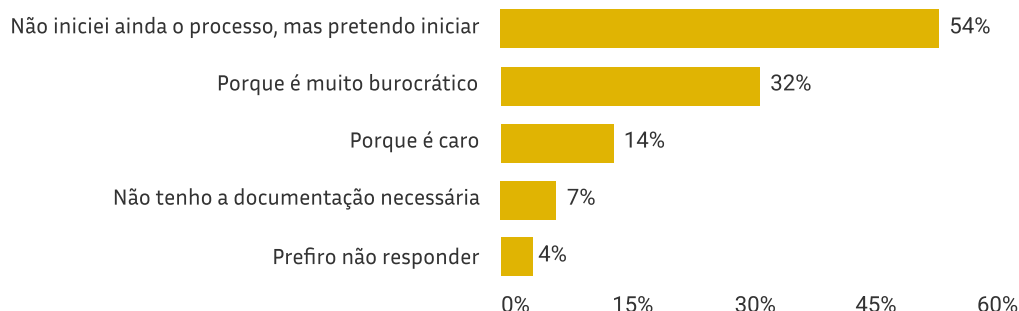
43% das pessoas trans adotaram e já estavam com o processo de retificação do nome

15% disseram não ter retificado e que não gostariam de realizar

• **41%** das pessoas trans reportaram não terem realizado a retificação do nome social, mas que **gostariam de fazê-lo**.

• Entre as pessoas que gostariam de realizar a mudança, **54% disseram que pretendem iniciar o processo**, **32% disseram que não iniciaram porque é muito burocrático** e **14% porque é caro**.

Gráfico 1: Percentual das pessoas transgênero que não retificaram o nome de registro por algum motivo, DF - 2022



- Sobre as pessoas trans terem o seu **nome social desrespeitado**:
 - **62%** declararam que isso aconteceu por **parte dos familiares próximos** (mãe, pai e irmãos) e **67%** declararam que isso partiu de outros familiares (primos, tios, sobrinhos).
 - **44%** também reportaram que já tiveram seu nome social desrespeitado **por instituições/serviços públicas** e **51% em instituições/serviços privados**.

Intervenções corporais:

- Entre as pessoas trans, **73% reportaram já terem usado hormônio**, sendo que **22% o fizeram por conta própria**. Entre os que fizeram com **acompanhamento médico**, **35% reportaram terem feito pelo SUS** e **43%**, pela rede particular;
- Entre outras intervenções: **16%** relataram terem feito mastectomia; **6%** usarem silicone não industrial e **4%** usarem silicone industrial.
- Nenhuma pessoa relatou ter realizado cirurgia de transgenitalização.

4. Relação com a família e comunidade

Foi perguntado para as pessoas LGBTQIA+ **o quanto elas se sentiam à vontade para falar da sua identidade de gênero ou orientação sexual com a família.**

- **Pessoas trans** responderam **com maior frequência que se sentem “nada à vontade” ou que “não conversa”** sobre a sua identidade de gênero comparado às pessoas LGB+, quanto a sua orientação sexual
- Há uma maior proporção de pessoas trans, comparativamente às LGB+, que disseram não conversar sobre sua identidade de gênero/orientação sexual na família nuclear, estendida, no trabalho ou escola/faculdade.
- **Tanto as pessoas trans quanto LGB+ afirmaram se sentirem “extremamente à vontade” em relação aos amigos e colegas da escola/faculdade.**

Tabela 2: Percentual das pessoas que reportaram se sentir à vontade para falar da identidade de gênero ou orientação sexual, DF - 2022

		Extremamente à vontade	Pouco à vontade	Nada à vontade	Não converso
Identidade de gênero	Família nuclear	27%	32%	15%	25%
	Família estendida	11%	34%	21%	33%
	Trabalho	19%	33%	12%	32%
	Escola/faculdade	36%	33%	6%	24%
	Amigos	67%	20%	2%	2%
	Conhecidos	19%	37%	10%	23%
Orientação sexual	Família nuclear	34%	36%	11%	19%
	Família estendida	34%	36%	11%	19%
	Trabalho	32%	36%	9%	21%
	Escola/faculdade	56%	26%	4%	12%
	Amigos	89%	9%	0%	1%
	Conhecidos	38%	40%	9%	13%

Fonte: IPEDF Codeplan/Dipos (2022)

5. Participação Social e conhecimento dos órgãos públicos

Foi perguntado à todas as pessoas que responderam o questionário sobre a sua participação em organizações sociais/coletivos. Dos **15% das pessoas cis-hetero, 11% de LGB+ e 28% de trans responderam que participam ou colaboram com alguma organização social de apoio a comunidade LGBTQIA+:**

De modo geral, a população LGBTQIA+ pesquisada se dedica a mais horas de trabalho por semana às organizações da sociedade civil (em média 6h semanais), comparativamente à população cis-hétero (em média 3 horas semanais).



- As principais atividades desenvolvidas foram:
 - atividade burocrática dos órgãos de apoio;
 - assessoria jurídica;
 - aconselhamento psicológico;
 - divulgação das atividades que atendem à população LGBTQIA+;
 - cursos de formação; e entre outras atividades.
- De uma forma geral, a maioria já ouviu falar dos órgãos de atendimento^[6] à população LGBTQIA+ no DF, com exceção do Núcleo de Proteção e Defesa dos Direitos Humanos da Defensoria Pública do DF, que apenas cerca de 40% conheciam.
- Apesar de conhecerem esses órgãos, cerca de 5% da população LGB+ afirmam já ter precisado, mas nunca ter procurado. Essa proporção varia entre 8% e 16% a depender do órgão entre a população trans.
- Tanto a população trans quanto para a LGB+ afirmou que não procurou os órgãos, mesmo tendo precisado, por acharem que esse acionamento não valia a pena.

6. Percepção da discriminação e violência



A percepção das pessoas respondentes quanto à dificuldade das pessoas LGB+ serem aceitas se diferencia bastante da percepção sobre as trans serem aceitas na família, escola, trabalho, comércio e órgãos públicos.

- Majoritariamente, entre 66% e 84% dos respondentes disseram que é muito difícil para uma pessoa trans ser aceita – e isso em qualquer um dos locais apontados pelo questionário

[6] Os órgãos foram: CREAS da Diversidade, DECRIN, Ambulatório trans, Centro de Referência em Direitos Humanos do Distrito Federal (CRDH-DF), Núcleo de Enfrentamento à Discriminação (NED) – MPDFT, Coordenação de Políticas de Proteção e Promoção de Direitos e Cidadania LGBT – Sejus, OAB – Comissão da Diversidade Sexual, Defensoria Pública do Distrito Federal – Núcleo de Proteção e Defesa dos Direitos Humanos, MPT – Ministério Público do Trabalho – Coordenadorias Temáticas – Coordigualdades.

Tabela 3: Percentual da percepção das pessoas respondentes quanto a dificuldade de pessoas LGB+ e transgênero serem aceitas em diferentes espaços, DF - 2022

		Muito difícil	Mais ou menos difícil	Pouco difícil	Nenhuma dificuldade
Sendo LGB+	Na família	44%	46%	7%	3%
	Na escola	23%	48%	23%	6%
	No trabalho	40%	44%	11%	5%
	No comércio	18%	48%	25%	9%
	Em órgãos públicos	20%	45%	23%	11%
Sendo Trans	Na família	84%	11%	2%	2%
	Na escola	70%	22%	4%	3%
	No trabalho	81%	12%	3%	3%
	No comércio	72%	18%	5%	4%
	Em órgãos públicos	66%	21%	6%	4%

Fonte: IPEDF Codeplan/Dipos (2022)

- De modo geral, 23% das pessoas trans e 40% das pessoas LGB+ respondentes não reportaram, na pesquisa, terem passado por algum tipo de violência.
- As **situações de violência** mais relatadas sofridas pelas pessoas trans respondentes foram:

Discriminação no ambiente familiar (65%)

Discriminação no ambiente religioso (55%)

Discriminação em serviços de saúde ou por profissionais de saúde (42%)

38% relataram serem **mal atendidos** em serviços públicos devido a identidade de gênero.

- As **formas de violência e discriminação** mais frequentemente relatadas pelas pessoas LGB+ foram:

- As principais diferenças notadas nas respostas sobre violências sofridas por LGB+ e pessoas trans foram:

- discriminação em serviços de saúde (16% LGB+ e 42% trans);
- se a pessoa já foi expulsa de um banheiro público por discriminação (2% LGB+ e 24% trans); e
- se a pessoa já foi mal atendida em serviços públicos por discriminação (17% LGB+ e 38% trans).

Discriminação no ambiente familiar (51%)

Discriminação no ambiente religioso (44%)

Discriminação por parte de grupos de vizinhos (27%)

Discriminação por colegas da escola/faculdade.

Considerações finais

- Os resultados apresentados neste sumário indicam **como essa população é diversa nas suas experiências individuais relacionadas às suas orientações sexuais e identidade de gênero.**
- **A alta escolaridade dos respondentes revela que houve viés de seleção das pessoas respondentes.** Ainda assim, pessoas LGBTQIA+ respondentes reportaram **sofrer muitas situações de discriminação tanto no ambiente público quanto no ambiente privado.**
- **As experiências de pessoas trans e LGB+ de relação com a família e comunidade são diferentes:**
 - Comparativamente ao grupo de LGB+, **menos pessoas trans reportam se sentirem “extremamente à vontade” para falar da sua identidade de gênero, ao mesmo tempo que reportam mais vezes se sentirem “nada à vontade” ou “não conversar”.** Esse resultado pode estar relacionado com as situações de violência mais comuns entre pessoas LGB+ e pessoas trans[7]
- **Os resultados da pesquisa são importantes para fomentar as ações das iniciativas públicas e privadas do DF,** de modo a acolher essa população que sofre persistentes situações de violência, discriminação e vulnerabilidade social.
- A manutenção de uma **agenda de pesquisa voltada a essa população** também é imprescindível para a contínua produção de subsídios voltados à formulação de políticas públicas.

[7] BLONDEEL, Karel, et al. Violence motivated by perception of sexual orientation and gender identity: a systematic review. Bulletin of the World Health Organization, 2018, 96.1: 29.

Equipe responsável

Supervisão do estudo

Júlia Modesto Pinheiro Dias Pereira

Coordenadora de Avaliação em Políticas Sociais- Coaps/Dipos/IPEDF Codeplan

Daienne Amaral Machado

Diretora de Estudos e Políticas Sociais - Dipos/IPEDF Codeplan

Participação no estudo

Julia Modesto Pinheiro Dias Pereira – Coordenadora

Daienne Amaral Machado – Diretora

Mariel Gruppi – Pesquisador Bolsista

Bianca Freitas- Pesquisadora

Acsa Rodrigues Ferreira Guimarães – Coordenadora

Diego Rodrigues de Loiola – Estagiário

Julia Andrade Vivas – Estagiária

Mirella Benigno – Estagiária

Tamara Talita Rodrigues Dias – Estagiária

Redação do estudo

Mariel Gruppi – Pesquisador Bolsista

Elaboração do sumário executivo

Mariel Gruppi – Pesquisador Bolsista

Revisão técnica

Heloísa Herdy

Diagramação

Diego Rodrigues de Loiola- Assessor

